

## Entrevista 13 - Entrevistado

Eu sou desenvolvedor sênior da minha equipe, mas sim, né? Aquela história, aquele sênior, né? Sênior que faz tudo, né? Sênior que cuida da equipe, sênior que é o tech lead, sênior que é o arquiteto, que é o DevOps, então, assim, é o sênior que faz tudo. Atua no presente? Tá, um, um projeto. Dois, tá, a gente parte da main, então tem a branch principal ali, a main é a representação do ambiente produtivo, então é o que está em produção.

Então a gente cria uma branch de feature, uma separação simples da branch principal, desenvolve essa feature, essa feature ela é testada, homologada, tudo na mesma branch feature, e no fim, a gente faz um pull request da feature para a branch principal. Aí isso sobe para a produção, esse é o nosso fluxo. Cara, a grande maioria foi assim, tá? Eu já vi algumas variações disso, algumas tentativas dos caras criarem branch de ambiente, branch de develop e HMG, mas sim, falhando miseravelmente em fazer isso.

Esses tipos o quê? De branch? Cara, boa pergunta, não sei o nome não, sem fim de desenvolvimento, homologação, teste, deve. Tá, cara, inclusive a gente estava tentando a princípio fazer esse tipo de gestão com branches de ambiente, e a gente acabou abandonando no meio do caminho porque não fazia muito sentido para o nosso cenário, tá? Nosso projeto ele é bastante rápido, então tem features que são pequenas e elas sobem com bastante frequência, entrega contínua dentro da sprint ali, e tem pouquíssimos desenvolvedores. Então assim, quanto mais branch você coloca ali para você administrar, mais moroso se torna, mais tempo você gasta com pull request, com conflito de merge, com problemas assim que não deveriam existir com dois desenvolvedores.

Então a gente simplifica o máximo que a gente pode, cria o mínimo possível de branches e segue dessa forma. É o que tem provado ser mais prático, né? Meio que você não tentar usar demais o remédio, ele se tornar um veneno, né? Você querer criar muita branch, muito processo, e no fim as features são tão pequenas que assim, cara, você perde mais tempo com análise de branch IPR do que desenvolvendo a feature. Então não faz sentido, né? Cara, essa é uma boa pergunta.

Hoje eu acho que esse modelo de trabalho se enquadra bastante com o que a gente faz, né? Mas é fato que existem algumas ocorrências, quando você tem uma alta demanda ali dentro da sprint de entregar uma feature muito grande ou tem muita gente trabalhando na mesma, no mesmo pacote, você sente um pouquinho de dificuldade na hora de testar ou na hora de homologar. Você acaba tendo que criar uma outra branch emergencial trazendo mais de uma feature por vez para fazer uma homologação com o usuário ou para fazer um teste específico pro QA, por exemplo. Mas essas são situações muito singulares, não acontece com muita frequência.

Vai ser um ponto de você precisar ter um processo fixo para fazer isso sempre, entendeu? Não. Definitivamente. Acho que hoje ele se enquadra bastante no que a gente faz.

Cara, o projeto que eu trabalho, sim. Eu trabalho com um projeto de uma startup. Então, sim.

Mas a gestão não é de uma startup. Não. Ah, já tive mais, já tivemos mais, porque, assim, aquela história, né? Na época, ainda que a gente estava trabalhando com branch de ambiente, era muito comum um desenvolvedor desavisado querer subir uma branch, jogar uma branch na outra, pegar develop, subir para a produção direto, coisas assim, na hora de fazer merge, corrigir.

Problema, né? Mas hoje, assim, com estruturação certinha, sempre puxando da main, fazendo modificações pequenas, é difícil ter conflitos. Então, hoje em dia, isso não é um problema mais.